



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

QUEM É “ISABELA”, A MULHER EXEMPLAR? UMA ANÁLISE CRÍTICA DO IDEAL FEMININO NA NOVELA “A ESPANHOLA INGLESA”, DE CERVANTES.



WHO IS “ISABELA”, THE EXEMPLARY WOMAN? A CRITICAL ANALYSIS OF THE FEMININE IDEAL IN THE NOVEL “THE SPANISH ENGLISH” BY CERVANTES.

Isabelle Merlini CHIAPARIN
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 29/06/2021 • APROVADO EM 29/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3602>

Resumo

Inserida nas *Novelas Exemplares* (1613) de Miguel de Cervantes (1547-1616), a novela “A Espanhola Inglesa” narra a história da jovem Isabela, roubada de seus pais espanhóis por um capitão inglês que, admirado de sua beleza, a trouxe para ser criada na Inglaterra aos sete anos de idade. Por sua formosura, a menina torna-se objeto de paixão também da esposa do capitão e de seu filho, impressionando todos na cidade - até mesmo a rainha da Inglaterra. O conceito de beleza construído por Cervantes nesta novela acompanha os preconceitos de gênero e as diretrizes católicas de “boa mulher” no século XVI e XVII. O objetivo deste artigo é, a partir da análise da moldura social a que a novela está inserida, investigar a construção da personagem como modelo feminino, suas raízes no catolicismo e as problemáticas que emergem da época.

Abstract

Inserted at the "Exemplary Novels" (1613) by Miguel de Cervantes (1547-1616), the novel "The English Spanish" tells the story of young Isabela, stolen from her Spanish parents by an English captain who, admired by her beauty, brought her up to be raised in England at the age of seven. Because of her beauty, the girl becomes an object of passion also for the captain's wife and his son, impressing everyone in town - even the Queen of England. The concept of beauty constructed by Cervantes in this novel follows gender prejudices and Catholic guidelines for "good women" in the 16th and 17th centuries. The purpose of this article is, based on the analysis of the social framework that the novel is inserted, to investigate the construction of the character as a female model rooted in Catholicism and the problems that emerge from time.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura sobre mulheres. Cervantes. A Espanhola Inglesa. Mulher ideal. Literatura comparada.

Keywords: Literature about women. Cervantes. The English Spanish. Ideal woman. Comparative literature.

Texto integral

Introdução

Bela, casta, virtuosa. Essas são as características principais que definem a personagem Isabela na novela "A Espanhola Inglesa" de Cervantes, cuja construção passa sempre e necessariamente por tais atributos. Da escolha do esposo ao casamento de fato, trama principal da obra, todas as respostas de Isabela serão, de fato, "exemplares", de acordo com a moldura social da época. Isso porque seus sentimentos são íntegros e condicionados à obediência de seus pais – a saber, o capitão que a roubou e sua esposa – e suas falas são recatadas por sua extrema humildade, que a impede de olhar nos olhos do interlocutor e a desfaz em lágrimas e agradecimentos a qualquer sinal de bondade. Diante de tal figura, quais seriam os atributos de Cervantes aos personagens de gênero feminino e quais suas raízes?

A questão central para que seja possível iniciar a análise da construção da personagem é, sem dúvidas, de que a personagem se trata de uma mulher. A constatação é primordial porque seu gênero influenciará não somente nas condições pelas quais sua vida passará – ser roubada, pedida em casamento, etc. – mas também no grau de autonomia que terá diante de tais situações. Além disso, sua vida será medida pelo grau de beleza e por virtudes específicas: silenciosa, humilde, obediente, etc. Tais não são as características esperadas para um personagem jovem, mas assim o são para uma personagem feminina.

Como um objeto, Isabela será vista como "riqueza" tanto por seus pais biológicos, quanto pelos senhores e por toda a corte inglesa. É importante destacar que a novela se inicia com Isabela sendo roubada de seus pais, em Cádiz, ainda criança, por Clotaldo, um capitão inglês, que ficou encantado de sua beleza e a entregou a sua esposa como "(...) riquíssimo despojo" (CERVANTES, 2015, p.176). Ainda que tratada como filha e acostumada com seus novos senhores, Isabela é

uma serva escravizada unicamente mantida na família por sua beleza. Tanto o é que, à época de sua feiura, é enviada (ou devolvida) para a Espanha.

A beleza de Isabela, que é riqueza na mão de quem a possui, torna-se tão cobiçada que a mãe de um de seus pretendentes, que era camareira da rainha, envenena-a para que se interrompam as disputas sobre a jovem. Os médicos a conseguem salvar, entretanto, seu rosto fica inchado e os cabelos caem, tornando a irreconhecível em sua beleza, ou ainda, extremamente feia. Diante de tal acontecimento, o deslumbre que Isabela provocava nas pessoas ao seu redor acaba. Apenas, Ricaredo, filho de Clotaldo e Catalina – e seu maior pretendente – mantém o olhar apaixonado sobre ela.

Essas tristes notícias, ouvidas por Ricaredo, quase o levaram a perder o juízo, tais eram as coisas que fazia e os lamentos com que se queixava. Mas Isabela não perdeu a vida; em troca dela, porém, a natureza a deixou sem sobrancelhas, pestanas e sem cabelos, o rosto inchado, a pele deteriorada e flácida, e os olhos lacrimosos. Enfim, ficou tão feia, que como até ali havia parecido um milagre de formosura, agora parecia um monstro de fealdade. *Os que a conheciam consideravam maior desgraça haver ficado daquele jeito que ter morrido envenenada.* Contudo, Ricaredo pediu-a à rainha, e suplicou que deixasse levá-la para casa, porque o amor que tinha por Isabela passava do corpo para a alma; e que se Isabela havia perdido sua beleza, não podia ter perdido suas infinitas virtudes. (CERVANTES, 2015, p.196, destaques nossos)

A segunda informação relevante para a análise da novela em questão é o fato de Isabela ser católica. A narrativa apresenta tal fato como problemático para os ingleses que na época experienciavam a Reforma Anglicana (1534). Apesar do rompimento com a Igreja Católica Romana e, por conseguinte, com a autoridade papal não sendo tema da novela, a situação transparece nas falas de Clotaldo, o novo pai. Ele temia que Isabela fosse descoberta católica e punida, por conta da rejeição inglesa ao catolicismo e que sofresse represálias especialmente por parte da rainha. De fato, Clotaldo, Catalina e Ricaredo são católicos, assim como Isabela. A questão aparece algumas vezes na novela, mas de modo mais substancial em um dos encontros que Isabela tem com a rainha.

– Ai! - Dizia a senhora Catalina - , se a rainha descobrir que criei essa menina como católica e então desconfiar que todos nessa casa são cristãos! Pois se a rainha perguntar o que é que aprendeu em oito anos em que é prisioneira, o que haverá de responder a coitada que não nos condene, por mais prudente que seja?

Ouvindo isso, Isabela disse:

– Não vos aflijais com isso, minha senhora, pois eu confio no céu, que, em sua divina misericórdia, na hora haverá de me dar as palavras que não só não vos condenem, como redundem em vosso proveito. (CERVANTES, 2015, p.179)

De modo intrigante, a rainha de fato chega a ter conhecimento da fé de Isabela. A mesma camareira que a envenena a delata para a rainha. De modo

surpreendente, a rainha não repreende Isabela ou a manda punir: antes a elogia ainda mais, respondendo que “(...) por isso mesmo a estimava mais, pois tão bem sabia guardar a fé que seus pais lhe haviam ensinado.” (CERVANTES, 2015, p.195). Diante da beleza da dama, nem mesmo conflitos religiosos pareciam importar à sociedade inglesa. Exemplar, Isabela corresponde às mais altas expectativas de todos. Como, contudo, teriam tais expectativas se moldado na sociedade da época para tornar a personagem Isabela uma mulher exemplar?

Isabela, o tesouro

O valor de Isabela é mensurado diversas durante a novela. É relevante recordar que a menina fora dada a Catalina por seu esposo como um presente, ou ainda, um “(...) riquíssimo despojo” (CERVANTES, 2015, p.176) do possível saque que seu navio empreendeu em Cádiz, na Espanha. Ainda que legalmente sequestrada, a menina demonstra docilidade a seus senhores, que a criam como uma filha. Temerosos de que sua beleza instigasse a rainha, que poderia querê-la para si – uma vez que os despojos deveriam ser apresentados e repartidos igualmente entre Coroa e piratas – , a família esconde-a, a apresentando apenas por ocasião de seu noivado com Ricaredo.

A menina é um despojo do saque de piratas, ou seja, é um bem que fora retirado dos espanhóis por seus inimigos, os ingleses. Antes da interpretação metafórica, que comparará Isabela algo raro e belo, é importante ressaltar a objetificação feita com a personagem. Ainda que seja destacada por sua beleza, Isabela não tem a mesma condição de igualdade de que gozam os outros personagens: ela é primeiro um bem e depois uma fortuna, isto é, antes um objeto, depois um belo objeto.

A contradição presente na ação de *possuir* Isabela é evidente no percorrer da história. Ainda que a menina não tenha preço, segundo a rainha, seu valor não cabe a qualquer um. Como bem pertencente à rainha, a vida de Isabela condiciona-se ao querer desta autoridade – e a rainha *quer* o valor de Isabela. Apenas a partir de uma “paga” a jovem poderá *pertencer* a Ricaredo. *Pertencer*, pois, como no costume português que pagava “dotes” em vista do casamento das moças, ou ainda, como na tradição católica em que o pai da noiva entrega a mulher ao novo homem que a possuirá, a mulher não pertence a si mesma. Em outras palavras, a mulher não garante sozinha sua própria existência, está sempre condicionada à voz de um outro senhor. No caso de Isabela, muitos são os senhores: seus pais – ou sequestradores –, a rainha, Ricaredo, etc.

A construção da dependência existencial da mulher em relação a um homem está relacionada a uma longa tradição teológica católica. Ranke-Heinemann (2019), a primeira doutora em teologia na Alemanha, afirma, diante de tal tradição, que Cristo teria sido o primeiro e último amigo do sexo feminino (HEINEMANN, 2019, p.141). Em sua obra, “Eunucos pelo Reino de Deus” (2019), a teóloga alemã explorará a relação entre o gênero feminino e o sagrado diante da história da religiosidade católica. Uma de suas primeiras análises é, justamente, acerca da influência da teologia dos primeiros padres para a formação da teologia misógina que pode ter influenciado a construção da personagem Isabela.

Sobre a tradição dos primeiros padres, construída nos cinco séculos posteriores à morte de Cristo e muito representada por Crisóstomo (347-407 d.C) e Jerônimo (340-420 d.C), além de Agostinho (354-430 d.C), é relevante destacar seu esforço incomparável para justificar a invisibilização e o repúdio à mulher. É difícil precisar com exatidão o início de tal pensamento, contudo, é possível localizar o cerne da discussão que resulta na percepção da mulher como insuficiente, pecadora e necessitada do homem no mito de “Adão e Eva”. A utilização do mito pelos primeiros padres gerará uma extensa tradição teológica repleta de normas e argumentos para com a vida das mulheres.

Seguindo a via interpretativa dos primeiros padres, o mito da cosmogonia cristã é visto como argumento para apontar a natureza frágil e perigosa das mulheres, uma vez que foi por meio de uma mulher que o pecado veio ao mundo. As especulações sobre a existência de Eva preenchem as obras de tais padres, uma vez que paira sobre eles a questão: se Eva traria a perdição, por que Deus a criou? Definitivamente, para eles, não o foi para a salvação dos homens – ou para a coexistência com eles. Para Agostinho, a única resposta possível é a procriação.

Não vejo que espécie de auxílio a mulher deveria prestar ao homem, caso se exclua a finalidade da procriação. Se a mulher não foi dada ao homem para ajudá-lo a dar à luz crianças, para que mais serviria? Para cultivarem a terra juntos? Se fosse necessária ajuda para isso, um homem seria de melhor auxílio para outro homem. O mesmo se há dizer para o conforto na solidão. Pois muito maior o prazer para a vida e para a conversa quando dois amigos vivem juntos do que quando homem e mulher vivem juntos. (AGOSTINHO, *De bono* 9, 5-9 APUD RAINKE-HEINEMANN, 2019, p.105-106)

Interessante ressaltar que, para Agostinho, a mulher é *auxiliadora* na procriação do homem, e se justifica porque os filhos pertencem ao homem e não à mulher. Ora, não é apenas na tradição espanhola que os sobrenomes dados às esposas são os pertencentes ao esposo, assim como os dos filhos. O sobrenome da mulher indica apenas seu pertencimento, e esta pertence ao novo homem da casa. Mais uma vez, ela não existe por si só.

As interpretações sobre Eva são as mais esdrúxulas. A discussão se estende da Antiguidade Tardia ao século XVI. Muito próximos a Cervantes, os inquisidores Herinch Kraemer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495), autores da obra “O Martelo das Feiticeiras”¹ (1487), incendeiam a discussão sobre Eva, afirmando que houve uma falha na criação da primeira mulher. Esta fora formada de uma costela curva de Adão, cuja curvatura, “(...) é contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente” (KRAEMER; SPRENGER, 1997, p.116). Culpada pela queda de Adão e naturalmente propensa ao desvio, Eva produziu uma geração de mulheres ligadas à serpente,

¹ A obra em questão é resultado de uma incursão pela Europa, encomendada a pedido do Papa Inocêncio III, para investigar pactos satânicos nos cidadãos comuns. Ainda estão incluídos na obra capítulos acerca da identificação de bruxas, seus filhos com o demônio, como capturá-las e qual julgamento aplicar.

traíçoiras e mentirosas. Justifica-se assim a natureza e o tratamento dado às mulheres.

Ora, esta é a tradição que enxerga em Isabela um tesouro. E será valiosa porque, apesar de pobre, é silenciosa, modesta, obediente... submissa. Tais atributos são suficientes para a finalidade da existência feminina que, segundo Ranke-Heinemann (2019), está no pilar casa, cozinha e crianças (HEINEMANN, 2019, p. 155) Para a teóloga, o afastamento das mulheres da esfera tanto do sagrado quanto do público, isto é, com a impossibilidade da participação do gênero tanto na aplicação de sacramentos quanto na conquista de bens materiais ou conhecimento, restringiu o universo feminino e tornou totalmente condicionado ao universo masculino.

Tanto o serviço doméstico quanto a criação dos filhos se tornam atribuições femininas supostamente “naturais” e, justamente por demandarem o espaço apenas privado das relações sociais, são extremamente desvalorizadas. Contudo, é relevante destacar o quanto a participação feminina em um trabalho não remunerado rendeu ao sistema econômico da época a possibilidade de lucrar em cima da desigualdade de gênero. Essa é a argumentação de Silvia Federici (2017), uma das maiores filósofas da contemporaneidade.

Diante do contexto histórico que permeia e atravessa a obra de Isabela, é necessário destacar a lógica por trás da submissão e trabalho doméstico não assalariado pelas mulheres. Federici, ao analisar tal contexto, afirma que, após a Contrarreforma (1545), o ódio às mulheres foi um elemento de união entre os novos Estados-nação (FEDERICI, 2017, p.303). Caracterizando mulheres líderes de povoados ou seitas como “bruxas”, a guerra às mulheres forjou um novo e útil modelo de gênero para o patriarcado manter seus privilégios: a mulher útil e silenciosa.

A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. (FEDERICI, 2017, p.203)

A utilidade da mulher, como bem a ser conquistado, não incluiria, nessa lógica, apenas o sexo e a procriação, mas a manutenção da casa e da roupa, a criação dos filhos, a garantia de alimento e, além disso, obviamente, a obediência e o silêncio da subjugação. Nesses termos, ótimo seria possuir uma mulher para si e ser servido por ela: mantém-se o poder nas mãos dos homens, enquanto se explora o trabalho das mulheres e sua existência em si.

Tal situação pode ser observada na cena em que Ricaredo prova seu valor diante da rainha. Assim que o personagem possui sucesso em uma das tarefas pedidas pela Rainha, esta “doa” Isabela para o novo herói, enfatizando que poderia tê-la quando bem entendesse, interpretando-se “ter” por possuí-la corporalmente, a partir do sexo – na condição do casamento, evidente. Também é interessante destacar, na cena citada, como “possuir” a mulher revela uma determinada visão acerca da sexualidade entre os gêneros: a mulher é a posse do homem, nunca o contrário.

A hierarquia explícita entre os gêneros e a evidente disparidade de poderes se revela ainda mais com a ausência de falas de Isabela. Diante do discurso da rainha, que a entrega como mercadoria nas mãos de Ricaredo, a personagem nada diz. E assim o faz para seguir ao padrão de feminilidade proposto para as mulheres “realmente femininas”, ou seja, de acordo com os padrões que mantêm a misoginia e o patriarcado. Transfere-se Isabela tal qual transfere-se um bem. Bens não falam. Que ela siga em sua vida o que fora destinada a fazer: servir a um homem.

Levantai-vos, Ricaredo – respondeu a rainha –, e acreditai-me que se houvesse de vos dar Isabela por prêmio, segundo eu a estimo, não poderíeis pagar nem com o que traz esse navio nem com o que ficou nas Índias. Eu vos dou Isabela porque vos prometi e porque ela é digna de vós e vós dela; apenas vossa coragem a merece. Se vós haveis guardado as joias do navio para mim, eu guardei vossa joia para vós. E embora vos pareça que não faço grande coisa ao vos devolver o que é vosso, sei que vos faço grande mercê com isso, porque as joias que se compram com os desejos e têm sua avaliação feita pela alma do comprador valem o mesmo que uma alma, pois não há na Terra outro valor com que avaliá-la. *Isabela é vossa, olhai-a ali; quando quiserdes, podeis tê-la*, e penso que será com sua concordância, porque é sensata e saberá apreciar a amizade que lhe dedicareis. (CERVANTES, 2015, p.188-189, destaques nossos)

É evidente que o sentido de “joia” não se restringe apenas à uma questão de posses. Segundo Pabón (1978), a comparação de Isabela com um tesouro, ou ainda, com as joias do despojo, lhe cai bem, uma vez que a personagem possui uma rara beleza e reflete a luz. De fato, para o pai, Isabela era “(...) a luz de seus olhos e mais bela criatura que havia em toda a cidade.” (CERVANTES, 2015, p.176), além de parecer diante da rainha como “(...) uma estrela cadente que, pela região do fogo, em noite serena e sossegada, costuma se mover, ou também um raio de sol que se mostra por entre duas montanhas ao raiar do dia.” (CERVANTES, 2015, p.180)

A comparação de Isabela com algo divino que evoca o fascínio diante da luz é figura presente no misticismo cristão. Contemporâneos à Cervantes, Teresa D’Ávila (1515-1582) e João da Cruz (1542-1591) utilizam o símbolo da luz poeticamente para descrever a relação com Deus. Em “Chama de amor viva”, João da Cruz metaforiza a presença do Amado divino com um forte faixo de luz, enquanto seu interior é profundamente imerso na escuridão.

Ó Lâmpadas de fogo
em cujos resplendores
as profundas cavernas do sentido,
que estava escuro e cego,
com estranhos primores
calor e luz dão junto a seu Querido!
(DA CRUZ, Chama de amor viva, 1984)

A metáfora também é passível de ser identificada, segundo López-Baralt (2020), com o misticismo muçulmano, já que “A lâmpada simbólica ilumina o

centro da alma do *sufi* envolvido na via mística, e certamente vem da famosa metáfora da lâmpada (24:35) do Alcorão. Bayazid celebra ‘ter dentro de si a lâmpada da eternidade’ (Nicholson, 1975: 79)” (LÓPEZ-BARALT, 2020, p.63-64, tradução nossa). De todo modo, é explícito que a joia cuja beleza é comparada com a de Isabela é, sobretudo, uma joia espiritual, que causa o fascínio de todos ao seu redor, não por vias sedutoras, mas por vias contemplativas.

O simbolismo de tal iluminação revela uma força espiritual mística de Isabela, que não só enamora o olhar de todos, como com “(...) sua elegante presença e *beleza miraculosa*, mostrou-se a Londres naquele dia sobre uma bela carruagem, levando pendentes de sua visão *a alma e os olhos de quantos a olhavam*.” (CERVANTES, 2015, p.180, grifos nossos). O desejo de possuir tal riqueza divina é tão potente que a rainha reclama Isabela como sua propriedade para Clotaldo e, sem dar sua benção para a união entre a jovem e Ricaredo, envia o jovem em uma missão para que prove que *merece possuir* Isabela. Como se disputam terras ou navios, o jovem disputará, não pelo amor da jovem, mas por ela mesma.

Depois que a admiração diminuiu um pouco, a rainha fez com que Isabela levantasse e lhe disse:

– Fala-me em espanhol, donzela, que eu o entendo bem, e gostarei disso.

E, virando-se para Clotaldo, disse:

– Clotaldo, vós me afrontastes ao manterdes este tesouro oculto de mim por tantos anos; mas vendo-o entendo que a cobiça vos tenha movido; estais obrigado a restituí-lo a mim, porque é meu de direito. (CERVANTES, 2015, p.181)

Se há, de fato, algo de espiritual em tal tesouro revelado em Isabela, assim o é também por conta de suas inúmeras virtudes. O modo com que a jovem tratará a todos, com decoro e sincera inocência, provocará nos outros personagens que a acompanham na trama uma admiração que beira a contemplação dos santos. Muito de tal inocência provém de sua profunda castidade e recato, valores enaltecidos na época de Cervantes.

Isabela, a virtuosa

Acompanha sua beleza o fato de Isabela ser extremamente virtuosa. De certo modo, a personagem parece ainda mais bela por ser coroadas de virtudes. A primeira que se pode identificar é a mansidão. Ora, diz a novela que, ainda que consciente do rapto que sofrera, Isabela “(...) era de tão boa natureza que aprendia com facilidade tudo quanto lhe ensinavam.” (CERVANTES, 2015, p.176). Sem se esquecer de seus pais espanhóis, logo aceitou os novos senhores como pais e deles nunca deu nenhuma queixa, ainda que tenha tido muitas oportunidades.

Interessante notar o destaque que Cervantes dá a ideia de que Isabela teria uma boa “natureza”, ou ainda, “dons naturels” (CERVANTES, 2015, p.177). A natureza de Isabela é feminina, mas não feminina como das outras: Isabela é única em sua espécie. Tal natureza, porém, como se verá, mais servirá para o

esquecimento de Isabela do que para sua exaltação. De fato, o grande feito da personagem será conformar-se com o destino que lhe fora dado.

Dois episódios se destacam quando se investiga a mansidão e a conformidade de Isabela: a visita à rainha e a declaração de amor de Ricaredo. Na primeira, Catalina, sua mãe e senhora, desespera-se com a possibilidade de Isabela os delatar como católicos a Rainha. A jovem, contudo, muito convicta, afirma que dirá palavras “[...] que não só não vos condenem, como redundem em vosso proveito.” (CERVANTES, 2015, p.179) Ora, é no mínimo questionável o grau de conformidade com que a personagem lida com sua nova situação, afinal estava sequestrada. As respostas à tal questionamento aparecem para o leitor na novela momentos depois, com fala que Isabela oferece à Ricaredo em razão de sua declaração amorosa.

Enquanto Ricaredo falava, *Isabela o escutava de olhos baixos*, mostrando naquele momento que seu pudor se igualava à sua formosura, e seu recato, à sua grande sensatez. E assim, vendo que Ricaredo calava, *recatada, formosa e sensata*, respondeu desta maneira:

– Depois que a severidade ou a clemência do céu quis (pois não sei a qual desses extremos atribuí-lo) separar-me de meus pais, senhor Ricaredo, e me dar aos vossos, grata pelas mercês que me fizeram, resolvi que minha vontade jamais diferisse da deles; e assim, sem essa vontade, não consideraria boa, mas má sorte a inestimável mercê que quereis me fazer. Se com o conhecimento deles eu fosse tão venturosa que vos merecesse, desde já vos digo que *obedecerei à ordem que me derem*; e se isso demorar ou não acontecer, espero que se amenizem vossos desejos ao saber que os meus serão eternos e puros em vos desejar o bem que o céu pode vos dar.

Aqui *Isabela silenciou suas honestas e prudentes palavras*, e naquele instante Ricaredo recobrou a saúde, e começaram a renascer as esperanças de seus pais, que durante a doença dele estavam mortas. (CERVANTES, 2015, p.178, destaques nossos)

Três pontos são de destaque para a interpretação da cena: a postura corporal de Isabela, sua justificativa para o casamento e o comentário de Cervantes. Em primeiro lugar, é enaltecido o “pudor” que Isabela teve diante da colocação de Ricaredo. Em nenhum momento a personagem foi tomada por um descontrole apaixonante ou por um ato impulsivo nem se entregou aos beijos com Ricaredo. O descontrole feminino, que seria considerado pecado pelos primeiros padres, transforma-se na cena em domesticação do corpo.

A ação de Isabela diante de Ricaredo é ocultar-se. O silêncio de Isabela acompanha a fala de Ricaredo e em nenhum momento esta o olha nos olhos. Ora, seu próprio corpo assume a posição daquela que é silenciada. Três são os adjetivos dados por Cervantes à esta postura de Isabela: *recatada, formosa e sensata*. Entende-se com eles a interpretação do autor de que o ato de Isabela acompanha suas virtudes e sua beleza, mas por que este seria sensato? Talvez a interpretação possível seja a de que Isabela, por controlar o próprio corpo e as emoções, não

cede àquela natureza pecaminosa, outrora instaurada por Eva, mas, na continência, torna-se prudente, ponderada - e paralisada.

O silêncio, que Cervantes atribui como sensato, acompanha a tradição de ocultamento da voz feminina, instituída por Crisóstomo. O argumento perpassa pelo Apóstolo Paulo, na passagem: "A mulher receba a instrução em silêncio, com toda a submissão. Não permito à mulher que ensine, *nem que exerça domínio sobre o homem*, mas que se mantenha em silêncio" (1 Tm 2, 12, destaques nossos)². A voz feminina, na passagem, parece ser uma ferramenta de domínio sobre o outro masculino. A interpretação de Crisóstomo será, portanto, zelar para que a mulher fique calada, para que assim também fique submissa.

As virgens devem rezar em silêncio os Salmos e ler em silêncio. Só devem falar com os lábios de sorte que nada seja ouvido; pois "eu não permito que as mulheres falem na Igreja". As mulheres devem fazer só isso. Quando rezam devem mover os lábios, mas a voz não deve ser ouvida. (CRISÓSTOMO, *Catequese introdutória*, cap.14 APUD RANKE-HEINEMANN, 2019, p.155)

Em segundo lugar, é importante destacar que Isabela não tem vontade própria em sua resposta. Em nenhum momento sua resposta é evidente, isto é, ela não responde diretamente se seu desejo é casar-se com Ricaredo ou não. Sua resposta é que deve obedecer a seus senhores, fato que não pode julgar como bom ou ruim, apenas como do destino. Nesta fala, o silenciamento de Isabela transforma-se em um esvaziamento de si: a personagem não tem desejos, vontades ou opiniões acerca de sua própria vida. Seus atos são narrados como virtuosos, porém suas virtudes a levam a um esquecimento de si mesma e um conformismo que a tornam muda durante as negociações sobre os rumos de sua vida.

De fato, o bom ou ruim não existe para Isabela, só existe para quem a possui. Na época, quem a possuía eram seus pais, portanto, a eles cabe discernir entre o bem e o mau para Isabela. Os perigos da mulher que discerne sozinha sobre o melhor a ser feito estão encarnados em Eva e sua má escolha; Isabela abdica do direito de escolher, em prol de deixar com que outros - homens - escolham por ela. Assim, sem capacidade de decidir, Isabela se aliena.

Abdicar do direito do raciocínio e da escolha é também considerada uma boa prática à época. Federici (2017) destaca como as mulheres que se opunham às decisões, paternas ou dos maridos, eram vistas como indomáveis e, por isso, perigosas, mais bruxas do que mulheres. A ausência de vontade e o apagamento de si mesma permite que Isabela cumpra o ideal feminino da época, sendo considerada a mais bela entre todas as mulheres justamente por obedecer a tudo incondicionalmente. Se houvesse decisão da parte da personagem, esta já não seria a mulher ideal.

As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente

² Todas as passagens bíblicas acompanham a tradução realizada na edição da conhecida "Bíblia de Jerusalém," referenciada ao final do artigo.

culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas. (FEDERICI, 2017, p.202)

Em último lugar, é relevante destacar que Cervantes, após a fala de Isabela, afirma que suas palavras foram honestas e prudentes. A honestidade de Isabela é corresponder com a expectativa social, baseada em séculos de uma teologia que priorizava o ódio às mulheres e seu silenciamento. Tanto o é que, assim que Isabela termina sua fala, Ricaredo recobra a saúde e fica feliz: se a decisão não é dela e sim dos pais, então basta convencê-los – que é justamente o que o personagem fará. A opinião de Isabela não faz a menor diferença; sua obediência aos senhores, pelo contrário, faz.

A mansidão de Isabela, que a torna virtuosa na cena específica, torna-a também ausente da própria narrativa. Não são as escolhas da personagem que ditam o ritmo da novela, mas as escolhas de seus senhores. Isabela é, portanto, virtuosa por se afastar do comando da própria vida e submetê-la ao homem que a possui, seja ele seu pai ou seu noivo. Seguindo tal lógica, se o pai de Isabela quisesse mantê-la solteira pelo resto de sua vida, Isabela aceitaria. A maior das virtudes da personagem é, assim, aceitar o lugar subalterno que possui enquanto mulher.

Isabela, a casta

O fato da construção da personagem se dar em torno de um ideal de mulher virtuosa condizente com um pensamento católico misógino, fará com que as escolhas relacionadas a sua sexualidade também exaltem um certo tipo de uso do sexo. Ora, a narrativa encaminha Isabela ou para o casamento com Ricaredo ou para o celibato religioso, não há outra alternativa para a bela. Isso ocorre porque Isabela enxerga Ricaredo como esposo mesmo antes do casamento, cuja consideração não se dá por um amor arrebatador - já que Isabela nem ao menos respondeu se casaria ou não com ele -, mas por uma consciência “casta” da personagem.

A cena da novela a ser analisada é da espera de Isabela por Ricaredo. Ora, quando estava feia, após o envenenamento pela camareira da rainha, os pais de Ricaredo o aconselharam a casar com uma bela e rica moça da Escócia e deixar Isabela, já que a feiura lhe havia apagado a beleza. Ricaredo nega este casamento mais vantajoso e reafirma seu desejo por Isabela, dizendo: “(...) pelo Deus verdadeiro que está nos ouvindo, te prometo, Isabela, metade de minha alma, ser teu esposo, e o sou desde já se tu quiseres elevar-me à grandeza de ser teu.” (CEVANTES, 2015, p.197). Relevante destacar que, segundo o narrador, Isabela não soube o que dizer diante de tal declaração (CEVANTES, 2015, p.197), ou seja, mais uma vez a narrativa não lhe dá voz.

Para que o casamento se desse, Ricaredo havia de ir à Espanha, já que Isabela fora enviada para lá. Pediu então um prazo de três anos para poder encontrá-la, tempo aceito pela personagem. O tempo de espera de Isabela durante esses três anos revela o conceito de castidade da mulher exemplar. Ora, ainda que

sem um casamento formal, Isabela e Ricaredo já se consideravam unidos e inseparáveis. Eleva-se a condição espiritual de ambos, que se prometem em casamento sem se preocupar com as condições reais pelas quais a vida a dois passaria. Embora Ricaredo se sinta atraído por Isabela, a personagem não transparece nenhum sinal de desejo por ele – e o casamento parecerá muito mais a união de dois anjos do que a de dois adultos.

Concretiza-se, no casamento assexuado de Isabela e Ricaredo, a vinculação da virtude com o celibato. Ora, por longos séculos o casamento fora visto como um remédio, ou ainda, um mal menor diante da incontinência sexual. Sobre isso, já Crisóstomo afirmava ser o casamento uma “concessão à fraqueza humana” que, de outro modo, se perderia no pecado e na obscenidade (CRISÓSTOMO, *De virginate*, 17, 19 APUD RANKE-HEINEMANN, 2019, p.70). Diante de tal concepção, fica evidente que as almas verdadeiramente elevadas deviam dedicar-se ao celibato, uma vez que os prazeres carnis, especialmente o sexo, seriam herança da culpa do pecado original. O casamento ideal seria o ausente de desejo e de sexo, como o de Isabela.

Também Inocêncio III (1162-1216), papa da Igreja durante os séculos XII e XIII e mais próximo à época de Cervantes, condenará o casamento em sua circunstância sexual, dizendo: “Quem poderia ignorar que a consumação do matrimônio nunca ocorre sem as chamas da obscenidade, sem a sujeira do prazer, pela qual o sêmen recebido é corrompido e destruído?” (INOCÊNCIO III, *Comentário sobre os sete Salmos Penitenciais*, 46 APUD RANKE-HEINEMANN, 2019, p.192). Fica evidente que a caracterização do sexo é feita de modo a tornar depravado o praticante e imoral o ato em si, ainda que permitido conjugalmente. Faz sentido, a partir desta concepção, que Isabela nunca *deseje* a Ricaredo, uma vez que o desejo em si já seria um pecado. Do mesmo modo, é lógico que em seu casamento não há vestígios de corpos que se atraem, mas apenas de virtudes que se encontram. Se o corpo não é levado em consideração, Isabela é mais anjo do que pessoa – o que talvez justifique o elevado teor místico que lhe atribuem.

De fato, se Isabela se quer demonstrasse em um olhar ou em um toque o desejo por Ricaredo ou qualquer outro homem, a frigidez, característica da castidade conjugal, estaria quebrada. O casamento que se propõe aproxima-se, e muito, do casamento josefita, isto é, aos moldes do casamento assexuado de Maria e José, os pais de Jesus na crença cristã. Defendido por Hugo de São Vítor (m. 1141), esse tipo de união era baseado na crença de que a essência do casamento seria a união das almas e não o ato físico em si. Portanto, esse casamento místico transcenderia a visão crua do casamento, voltado para reprodução e para a cura da fornicção, e alcançaria a plenitude espiritual. Para Heinemann (2019), esse tipo de casamento resolveria as questões acerca da sexualidade do casal, elevando a alma e subjugando o corpo.

O casamento não se baseou na união carnal, mas na união dos corações. E se faltasse seu primeiro elemento, ou seja, essa “aliança de amor”, não seria “válido”, mesmo que tivesse sido consumado. Pelo contrário, o ideal do casamento seria mais perfeitamente realizado sem a relação. (...) As relações sexuais, necessárias para a procriação e para o desempenho da obrigação conjugal, não pertencem à essência do casamento, mas só a sua

“tarefa”, que está subordinada àquela essência. (HEINEMANN, 2019, p.196)

É diante de tal concepção acerca do matrimônio que Isabela recebe a notícia da possível morte de Ricaredo. Ora, se já estava comprometida a sua alma com Ricaredo, buscar por outro seria traição, por isso, Isabela opta pelo celibato como modo de vida. Interessante destacar que o casamento não havia acontecido de fato e que, como mulher livre, poderia casar-se com outro facilmente – já que sua beleza era muito cobiçada. A despeito disso, Isabela trata a si mesma como viúva de um Ricaredo que nem ao menos a havia desposado. A caracterização da personagem como viúva demonstra o caráter ascético de sua vida, envolvido com uma intensa rejeição do prazer. De fato, Isabela aceita a desgraça da morte de Ricaredo serenamente, quase como um livramento dos pecados que o casamento traria.

Lida a carta, sem derramar lágrimas nem demonstrar sentimentos dolorosos, com rosto tranquilo e, pelo visto, o coração também, levantou-se do estrado onde estava sentada e entrou num oratório e, caindo de joelhos diante de um devoto crucifixo, jurou se tornar freira, pois podia ser, já que se considerava viúva. Seus pais dissimularam e encobriram com discrição a pena que lhes havia dado a triste notícia, para poder consolar Isabela da amarga pena que sentia. Ela, *quase como se estivesse satisfeita em sua dor*, acalmando-a a *santa e cristã decisão que havia tomado*, consolava seus pais, a quem revelou suas intenções, e eles aconselharam-na a não realizá-las até que passassem os dois anos que Ricaredo havia dado como prazo para sua vinda, pois com isso se confirmaria a verdade da morte dele, e ela com mais segurança podia se tornar freira. Assim fez Isabela, que passou os seis meses e meio que restavam para fechar os dois anos em funções de religiosa e concertando a entrada do convento, tendo escolhido o de Santa Paula, onde estava sua prima. (CERVANTES, 2015, p. 201-202, destaques nossos)

A escolha “santa e cristã” de Isabela, nas palavras de Cervantes, demonstra a admiração e validação da decisão da jovem, que não titubeia ao escolher a vida religiosa. De fato, se sente satisfeita em sua dor, conformada mais uma vez com as decisões do destino, alheias à sua vontade. Consola os seus da perda do noivo, revelando uma outra decisão que talvez lhe apetecesse mais, e isso porquê daquele dia em diante passou a ajudar as religiosas do convento. Ora, Isabela não disse que queria casar, mas declarou desejo pela vida religiosa. Sua vontade, contudo, não será respeitada.

A relação entre corpo, sexo e desejo, dentro dos limites da religiosidade, é uma das grandes pesquisas de Elisabeth Roudinesco (2008). Sua obra, “A parte obscura de nós mesmos” (2008), debate as relações de desejo e perversidade diante do sagrado, além, obviamente, das questões de gênero que as envolvem. Nela, Roudinesco (2008) apresenta a deterioração das relações com o corpo do gênero feminino, fruto de séculos de uma teologia normativa, que punia o corpo e seus desvios pelos pecados cometidos pelos fiéis. A discussão alcança as mulheres

que, na figura de Isabela, não viam em seus corpos uma via de liberdade, mas apenas um sacrifício, ou exclusivamente para o marido ou somente para Deus. É por isso que, se Ricaredo estivesse morto e com o casamento já consumado espiritualmente, Isabela se vê como viúva, tendo como única opção entregar seu corpo, ainda que virgem, à vida consagrada.

Aniquilar o corpo físico ou expor-se aos suplícios da carne: eis a regra dessa estranha vontade de metamorfose, única capaz, diziam, de efetuar a passagem do abjeto ao sublime. E, se por um lado os santos – no impulso de uma interpretação cristã do livro de Jó – tiveram como dever primordial destruir neles toda forma de desejo de fornicção, as santas, por sua vez, condenaram-se, pela incorporação de dejeções ou pela exibição de seus corpos torturados, a uma esterilização radical de seus ventres doravante pútridos. (ROUDINESCO, 2008, p.20)

É ainda relevante destacar que esse corpo, ainda que belo, como o da personagem, não é maior do que sua própria alma. Isto é, para Isabela, não importa realmente que passe sua vida inteira vestida em trapos, se alimentando mal e servindo a comunidade: esse seria um destino melhor do que entregar seu corpo a outro homem, uma vez que o casamento espiritual já estava selado. A especificidade desse casamento josefita na relação entre Isabela e Ricaredo é também interessante em mais um sentido: a castidade e a integridade virginal são requisitos da boa mulher; não há essa mesma demanda para homens – e eles não entrarão no seminário depois de uma desilusão amorosa. Fica evidente, assim, como essa união entre almas é, na verdade, mais uma lógica de posse para com as mulheres, que não seriam bem vistas caso se interessassem por outros homens. O homem, pelo contrário, poderá se interessar por quantas quiser.

Após seis meses e às vésperas de sua profissão como religiosa., a jovem reencontra com Ricaredo. O noivo havia apenas se ferido, sendo falsa a notícia de sua morte. Enquanto Ricaredo se joga aos pés da bela, se declarando em meio à lágrimas e à ataques de paixão, a reação da jovem é muito mais branda. Ela afirma que havia sim feito sua escolha pela vida religiosa mas que, como Deus havia colocado “justo obstáculo” à vontade da jovem, ou seja, como Ricaredo havia voltado, não seria possível nem bom que por um desejo dela se impedisse a vontade divina, que seria o casamento. Uma vez mais, o desprezo por si mesma é tamanho que, ainda que tenha admitido que preferiria a vida religiosa – e chamado Ricaredo de obstáculo - submete-se ao casamento, crendo que assim cumpria os desígnios de Deus. (CERVANTES, 2015, p.203)

A castidade de Isabela é expressa por um rígido controle das palavras que diz e dos atos que realiza. Em nenhum momento se declara apaixonada, porque a paixão é um descontrole da razão, que leva o indivíduo ao pecado. Não afirma o que quer ou o que não quer, deixando que os outros ou o destino decidam por ela, na esperança de assim se conformar com a própria existência. Não olha nos olhos nem levanta a voz, não assume as rédeas da própria narrativa, pelo contrário, se deixa guiar pelos interesses de outros: homens, autoridades, Deus. Se a obra fosse uma crítica de Cervantes ao ideal da mulher católica, seria genial. Infelizmente, não é esse o caso.

Considerações finais

A mulher exemplar de Cervantes é silenciosa, obediente e rejeita a própria vontade: um belo exemplo para a sociedade da época, que mal acabava de queimar a última mulher na fogueira e já se proclamava moderna. Se as vias racionais estavam sendo abertas por René Descartes (1596-1650), os caminhos do sexo feminino permaneciam soterrados por séculos de uma tradição religiosa comprometida com o silenciamento das mulheres.

Poucas são as interpretações críticas que levam em consideração a influência que tais “modelos” exerciam sobre as mulheres e mínimas as que buscam compreender sua gênese. De fato, é mais simples ler a novela da “Espanhola Inglesa” como o feito por Lowe (1968), ao dizer que a narrativa estaria comprometida a dar um final feliz à Isabela, que encontra o destino perfeito ao lado do amado no final da novela. Fazê-lo, contudo, é ignorar as falas e silêncios da própria personagem – que teria escolhido um outro final se pudesse. Agrava-se o fato com a exaltação da posição subalterna de Isabela ao longo de toda a narrativa. O amor exemplar, o “final feliz”, seria então a anulação da personagem feminina em vista do interesse de outros?

A construção da personagem permite que se veja nela um exemplo de esquecimento de si, uma justificativa para a submissão. Para a época - e também para os dias de hoje – faz sentido que se valide um exemplo de mulher rendida à vontade alheia, que casa com quem os pais desejam, no tempo que a vida disser que o deve. Ainda que a narrativa seja inteira sobre Isabela, pouquíssimas são suas oportunidades de dela participar ativamente – aspecto que se revela na quase ausência de falas da personagem durante toda a narrativa. Poucos são seus sentimentos e ausentes estão os seus desejos. Isabela é encarcerada pelos quereres de outros e manipulada como uma peça de tabuleiro: se é bela, serve; se não o é, mandam-na embora. Não é racional nem passional, não diz que sim ou que não: se anula da própria história.

As expectativas de tornar o gênero feminino refém de uma sociedade que o vê como uma posse se concretizam a partir da validação das virtudes que permitem que isso ocorra. Longe de anacronismos, é preciso destacar como tais construções de “mulheres exemplares” favorecem a opressão do sexo feminino, perpetuado até os dias atuais. Se a família tem papel essencial na construção do papel da mulher na sociedade, as instituições religiosas tecem a justificativa para que tais ações ocorram. Enxergar Isabela como feliz e realizada é aprovar o silêncio feminino e sua ausência diante da própria história. Em outras palavras, é uma ofensa.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2015.

CERVANTES, Miguel. *Novelas Exemplares*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

LOWE, Jennifer. The Structure Of Cervantes: "La Española Inglesa". *Romance Notes*. Vol. 9, No. 2. Carolina do Norte: 1968. pp. 287-290

LÓPEZ-BARALT, Luce. San Juan de la Cruz y el Islam: Una simbología mística compartida. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (Org.) *Teopotética: Mística e Poesia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020.

SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

PABÓN, Thomas A. The Symbolic Significance Of Marriage In Cervantes: "La Española Inglesa". *Hispanófila*. No. 63. Carolina do Norte: 1978. pp. 59-66

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Para citar este artigo

CHIAPARIN, Isabelle Merlini. Quem é "Isabela", a mulher exemplar? Uma análise crítica do ideal feminino na novela "A espanhola inglesa", de Cervantes. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1500-1515, nov.-dez. 2021.

A autora

Isabelle Merlini Chiaparin é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), licenciada em Filosofia e bacharela em Ciências e Humanidades (UFABC). Atuou na área da filosofia política, estudando o conceito de liberdade na obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), sendo bolsista de Iniciação Científica (FAPESP). Atualmente, desenvolve pesquisa na área da literatura comparada investigando na obra da monja carmelita Teresa D'Ávila (1515-1582) a poética e a liberdade de escrita através de bolsa por excelência acadêmica (CAPES). Entre literatura e filosofia, o objetivo de sua pesquisa atual é dar voz a filósofas e pensadoras que, excluídas dos debates e das Universidades, não tiveram a oportunidade de serem lidas e conhecidas, prejudicando – e muito – os estudos em humanidades. Possui interesse em estudos que contemplem a poesia como construção do indivíduo, bem como os processos de escrita na literatura feita por mulheres.